

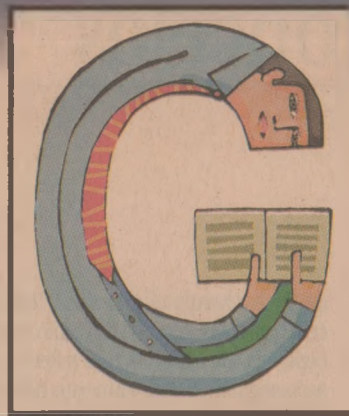
CHRSTIAN DE SABOYA E
OS AGITOS DOS CHIQUES
E FAMOSOS

PÁGINA 3

O POTI

EDIÇÃO DOMINICAL DO DIA DE NATAL - 21 DE DEZEMBRO DE 2003

E-mail: galante@diariodenatal.com.br

Márcio Cotrim
explica a origem
das palavras

Galo canta sempre de madrugada, anunciando uma nova aurora. Conta a Bíblia que um deles, saindo da rotina, cantou, digamos em edição extraordinária à meia-noite de 24 para 25 de dezembro.

PÁGINA 6

OS SEBOS DE LIVROS E
REVISTAS CRESCEM EM
TODO O PAÍS

PÁGINA 5

UMA RABECA PARA
O LEITOR, POR
JORGE GALVÃO

PÁGINA 6

PRODUTOR VASCULHA
A NOVA MÚSICA
POPULAR BRASILEIRA

PÁGINA 3

CULTURA COLEÇÃO ENCADERNADA DE O GALANTE
VALORIZA A GENUÍNA CULTURA NORTE-RIO-GRANDENSE

TRADIÇÕES EM EVIDÊNCIA

Um meio confiável de se conhecer com maior profundidade os meandros da cultura norte-rio-grandense nos seus desdobramentos e tradições menos ou mais conhecidas, o periódico *O Galante* ganha na próxima terça-feira a sua mais recente encadernação. Editada com esmero pela agência CO2 sob patrocínio do Sesi/FIERN, UnP e distribuição do DIÁRIO DE NATAL/O POTI, a publicação mensal do Projeto Nação Potiguar (parceria do Scriptorin Candinha Bezerra com a Fundação Hélio Galvão) transformou-se em sinônimo de credibilidade perante leitores de todas as idades que se interessam pela pesquisa cultural sem o pesado lastro acadêmico das enciclopédias formais.

Até este final de 2003, são quatro anos e meio de *Galante*. As coleções como a que estará sendo lançada, saem de dois em dois anos como uma forma de se garantir maior organização e melhor acesso às informações contidas em cada fascículo. De acordo com o poeta e pesquisador Dácio Galvão, o homem que divide com a fotógrafa Candinha Bezerra a condução da iniciativa, a ideia original de se criar a publicação veio no momento em que ele folheava um exemplar do jornal *Brincante*, editado em Pernambuco. "Comparativamente, aquilo que eu vi não tinha a qualidade que hoje tem o *Galante*, mas na época comentei com Candinha da possibilidade de se lançar alguma coisa parecida por aqui. O nome foi inspirado em uma figura do Boi de Reis, importante para o Folclore potiguar", explicou. Logo, o *Galante* ganhava o for-

mato que o tornou mais conhecido, programação visual ágil, recortada de acordo com os temas abordados, texto " enxuto", objetivo, desprovido de certos cacóetos intelectualóides que costumam enfatizar o leitor comum: "O *Galante* foi desde o início voltado à abordagem da etnografia, sem pertencer ao nicho reservado aos intelectuais. Fomos aos poucos quebrando conceitos", acrescentou Galvão.

Dácio Galvão também fez questão de ressaltar o aspecto da farta documentação iconográfica pelo qual o encarte de *O Poti* tornou-se mais conhecido: "Não há precedente no estado de um periódico com tal nível de documentação", orgulha-se. Outro aspecto a ser ressaltado, é a diversidade do material fotográfico utilizado, o que, sob o ponto de vista informativo, oferece ao leitor uma visão concreta e realista dos aspectos abordados nas matérias. Tais qualidades fizeram de *O Galante* material confiável inclusive em sala de aula, caso do CEI e até escolas de Tibau do Sul, onde o Nação Potiguar já faz há muito tempo trabalho de valorização do Coco de Zambê e Pastoril. "Ampliamos a perspectiva de abordagem."

"Considero o *Galante* uma espécie de enciclopédia com verbetes redimensionados, com visão antropológica, histórica e etnográfica", reafirmou Dácio Galvão.

Tanto apuro não passaria em branco: em 2001 o periódico potiguar concorreu ao Prêmio Rodrigo de Melo Franco, só perdendo pelo critério que daria vantagem a tiragem maior de outra publicação. O reconhecimento pela indicação

só motivou ainda mais o Nação Potiguar a continuar firme em sua meta. Hoje, são 48 especialistas colaborando, no que Galvão considera "simples adesão ao projeto por parte dos colaboradores". Exemplos, são o Doutor em Antropologia da UFRN Luiz Assunção (consultor do fascículo "Encantaria" no tocante aos "encantados"), além de nomes importantes da pesquisa etnográfica de Mossoró, Currais Novos, entre outros municípios que não se negam a participar. Os números que culminam com o lançamento da coleção na terça-feira, incluem "192 páginas textuais e aproximadamente 500 fotografias" utilizadas nesses quatro anos e meio, conforme se pode comprovar por leitura do texto de apresentação da caixa. A diversidade dos temas, ilustrada por capas de visual instigante, é ponto forte na publicação: já foram abordados, por exemplo, Bandas de Música, Teatro de Rua, Rabecqueiros, Artesanato Mineral, Redes, Quadrilhas Juninas e até HQ e Cinema em fascículos assinados pelos renomados Moacyr Cime e Anchieta Fernandes, personalidades da vanguarda norte-rio-grandense nos anos 1960.

O *Galante*, a manter esse passo, promete muitos anos de vida.

Coleção O Galante (II Parte)

Lançamento: terça-feira
Participação especial do
Pastoril de Cabeceiras
(Tibau do Sul)
Local: Fundação Hélio Galvão
Horário: 18h



ESPETÁCULO

Auto de Natal começa amanhã na Praça Cívica da UFRN

Baseado no poema *Morte e Vida Severina*, do escritor João Cabral de Mello Neto, será encenado amanhã e terça-feira a sexta versão do Auto de Natal, a partir das 18h30, no anfiteatro do Campus Universitário. A intenção do diretor do espetáculo, Moacyr Góes, é fazer uma apresentação multimídia que mostrará o nascimento no Menino Jesus de uma maneira inédita. O evento vai fazer uma homenagem à cultura local, mostrando a realidade nordestina e tendo o povo natalense como personagem principal. No palco atores de expressão nacional e regional irão se misturar aos talentos da terra.

A produção reúne 1.500 pessoas entre atores, dançarinos, músicos, figurantes e equipe técnica. Foi convidada para participar do elenco a cantora Elba Ramalho cujo início de sua carreira foi numa peça baseada na obra de João Cabral. Além de cantar, Elba também irá interpretar. O ator Lázaro Ramos que fez os filmes *Madame Satã* e *Carandiru* e atualmente faz parte do elenco do programa *Sevo Frágil*, da Rede Globo, interpretará o retirante Severino.

O ator mossoroense radicado no Rio de Janeiro, Antônio Ysmael e a atriz Flávia Guimarães, que já foram dirigidos por Moacyr no filme *Maria, mãe do filho de Deus*, também integram o elenco do espetáculo que ainda envolve a Orquestra Sinfônica do Rio Grande do Norte, a Banda Sinfônica e grupos folclóricos. O espetáculo pretende traduzir a época natalina como um momento de solidariedade e esperança, sentimentos que serão simbolizados por mães e seus bebês, reafirmando o conceito cristão da concepção.

A dramaturgia é assinada por Cláudia Gomes, roteirista da Rede Globo. Na assistência de direção está o premiado Leon Góes, o cenário é de José Dias e o figurino foi idealizado por Oswaldo Arcas; Ricardo Raposo e Ana Taloni que precisaram estudar em conjunto a obra de João Cabral para poder conceber as peças.

Três telões, montados numa torre de 13 metros de altura, irão exibir imagens, depoimentos e situações vivenciadas pelo povo natalense. Além disso irão proporcionar melhor visão para quem estiver na platéia. O palco contará com 870 metros quadrados. O espetáculo estava programado pela começar com um cortejo que percorreria a avenida engenheiro Roberto Freire em direção ao Campus. Mas, por questão de segurança, já que nesta avenida os carros trafegam em alta velocidade, o cortejo foi substituído pela apresentação musical que reúne 17 corais da cidade. Os corais só se apresentam no primeiro dia do espetáculo.

Auto de Natal

Data: Amanhã e terça-feira
Local: Anfiteatro da Praça Cívica, na UFRN

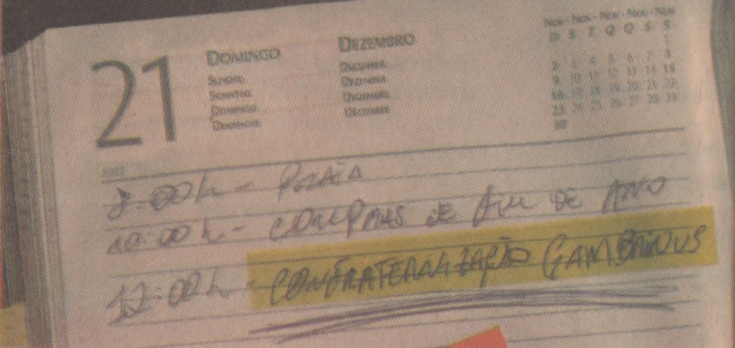
PROGRAMAÇÃO:

18h30 - Liturgia da Palavra com
Dom Nivaldo Monte
19h30 - Um Canto para Natal
(participação de 17 corais da cidade)
20h - Auto de Natal

■ No dia 23 não haverá
apresentação dos corais.



EXECUTIVA



Hoje é o dia da tradicional confraternização
do Gambrinus Restaurante Self-service.
Uma mesa natalina especialmente
preparada para proporcionar ao seu
fim-de-ano um gosto inesquecível
com o consagrado sabor Gambrinus.

Gambrinus
Restaurante Self-Service

Av. Antônio Basílio, 3006 - Lagoa Nova
Shopping Lagoa Center - Lojas 17, 18 e 19 - Natal/RN

201.9255

OSAIR Vasconcelos

Excepcionalmente hoje não escreve Osair Vasconcelos

Nas sombras da noite

Ando perdido. Desgarrei-me do rebanho e vago agora por estas pastagens insólitas, no escuro da noite. Longe de tudo, algo semelhante à paz me toma o corpo, a mente. Há um turbilhão de novas sensações e procuro desvendá-las, pô-las em ordem. Ainda não sou senhor completo do meu eu, mas falta pouco. As folhas, um dia, precisam desgrudar-se de seus galhos.

O pastor de ovelhas ainda procura-me. Mas prefiro as novas cores do mundo. Tons que não conhecia. O azul agora predomi-

na, preenchendo minha alma. Tudo parece tão vivo. Os sons da vida estão mais perceptíveis. Os orvalhos que refletem a lua, escorregando vagorosamente pelo limbo das folhas, chamam-me à olhar com calma mais sábia, as nuances da escuridão. Porque a pressa? Tenho o tempo do mundo. Sou dono dos segundos que antes escorriam descuidados do meu corpo. Como é bela a escuridão. Burburinhos que se misturam em trilha sonora contínua. Reflexos espalhados da lua. Uma serenidade que esconde mistérios; uma falsa melancolia. São muitos os olhos que se escondem nas sombras da noite à procura de vidas dispersas.

Esta coleção de complexidades e segredos, mergulhados sob o véu da madrugada, deixa-me absorto em reflexões. O pasmo de outrora se esvai aos poucos, abrindo espaço para os visos notívagos da solidão. Os odores exalados pela presente umidade brumosa são velhos conhecidos novamente. A saudade, inimiga da solidão, acalenta minhas lembranças. Raízes cortadas encontram, novamente, fertilidade. Angústia. Onde estão as placas indicando o caminho verdadeiro?

Pensamentos vagam descontrolados, buscando um cais onde sua poita sirva de fateixa; onde possa descansar em mar tranquilo. Mas o labirinto da verdade ainda é confuso. Passado, presente, confundindo-

se. Não há hierarquia de importâncias, nem clareza de certezas. A semente dos tempos vividos ainda repousa na superfície da terra. Jogo-a longe. Uma escuridão invade meus olhos. Sou um cego. Minhas mãos buscam o nada como consolo. De sobranceiras levantadas e boca entreaberta, caminho em passos lerdos, enquanto minha visão, aos poucos, renova-se. Observo estupefato, grades que surgem do chão, cercando-me, em uma prisão de sensações. Agora não existe fuga. Ultrapassei a linha imaginária, perigos da busca pela verdade. Não há como retroceder. Minha escolha resume-se em seguir ou permanecer ali, estático, em uma morbidez de dias, esperando o fim.

Medo. Onde está o exército para me proteger? A madrugada segue indiferente. A lua, por sua vez, observa-me atenta. Indecisão. O primeiro passo é sempre o mais difícil. Conselhos seriam bem vindos. Os sons da natureza, sombrios, paralisam minhas pernas. O medo, como premissa para o despertar da coragem, já perturba. Como é difícil seguir. O fracasso despenca. Uma garoa cai das nebulosidades das nuvens. Meu corpo frágil e molhado, feito de argila, derrete-se sob a terra fria da madrugada.

Escondidos nas sombras da noite, os olhos ávidos, sedentos que me observavam por trás das moitas e sombras, aproximam-se... Novamente serei tragado por um novo rebanho.

Sérgio Ronaldo Vilar

Estudante de jornalismo - jrvc@digizap.com.br

osair@diariodenatal.com.br

SHEYLA de Azevedo

Crônica de uma verdade não anunciada

Como repórter há alguns anos tenho me deparado com muitos tipos, casos, histórias, arte, beleza, pobreza, desespero. E entre o fato apurado e o fato escrito há um longo caminho percorrido. Fazer a autópsia do fato consumado exige destreza, muitas vezes frieza, envolvimento, solidariedade, empatia e discernimento. Mas o principal, elemen-

to disso tudo é a tranquilidade de que quanto mais destrinchamos o cadáver, mais cavidades, póros, sentimentos e sensações existem para ser descobertos. E, muitas vezes, chega um momento cuja consciência é de que estamos muito longe da verdade.

Sem mais metalinguagem, vou contar um episódio para vocês. E quem quiser, que tire suas conclusões, encontre suas verdades. Em 2001 entrevistei uma mulher de meia idade, quatro filhos, cuja persistência e sede de justiça me impressionaram. Seu marido, um bugueiro, havia sido assassinado a tiros, por um cabo da PM no mesmo bairro onde moravam, na Zona Norte, há exatos dez anos. Nem precisa dizer que a morte daquele pai de família mudou drasticamente a vida da viúva e seus quatro filhos. Soube que a filha mais velha foi embora; os dois irmãos seguidos estavam envolvidos com drogas e o menor deles, espremido entre o sofrimento e amargura da mãe e a revolta dos irmãos não dormiu e no dia seguinte, com investidas de detetive, perseguiu o meliante, vasculhou junto com a polícia seus documentos do meliante, percebendo que ele tinha diferentes nomes

e, dessa forma, suscitando a suspeita de que ele não podia ficar solto. Mas ela tinha certeza. E tudo foi esclarecido horas depois.

Ouvi sua versão e fui para a Delegacia já com asco daquele monstro sem coração. Ele, por ser um ex-policia, fora posto numa cela individual que na verdade mais parecia um corredor estreito e sem luz. Para não correr o risco de ser "abordado" pelos outros presos. Um metro e setenta, uns 50 quilos, os olhos verdes estavam desbotados, assim como o resto do seu corpo. Arrastava uma perna que delatava a meia-morte de metade do seu corpo. A voz baixa e gutural saía pelas frestas de uma boca desdentada. Depois do assassinato fugiu para o Pará. Perdeu o contato com a família, o emprego, os amigos, a identidade, sofreu um acidente de moto, tinha um pino segurando a caixa craniana e falava sem arrendimentos, mas com profunda degradação: "Não me arrependo. Bebe-mos juntos a noite inteira. Começamos a discutir e ele me deu um tapa na cara. Fui envergonhado. Atirei." Ele me disse que voltou porque estava cansado de fugir. Queria rever a família.

Na redação, tive a sorte de ter espaço para contar a história dos dois lados. Mas sou consciente de que poderia escrever muitas outras versões do que vi e ouvi. Sei que não perdi a noção do que é certo ou errado. Mas furtei-me de chegar a uma única verdade. Jamais me esquecerei das janelas pelas quais as certezas escapavam, quando fitava o olhar daquela mulher sofrida e daquele homem arrasado pelo tempo e pelos atos.

CARLOS Magno Araújo

Socorro, lá vem o espírito natalino

É véspera de Natal e o mundo corre feliz, como num clássico dos Beatles. Os espíritos estão todos por aí, você percebe? Nas lojas, vendedores bem-aventurados à espera de clientes ensandeci-

dos dispostos a fazer do décimo-terceiro o dizimo que os levará à vida eterna ou, quando menos, naquela festinha supimpa dia 24. Nas propagandas e nos outdoors, poses e modelos bacanas. Você no posto de gasolina, olhando a frentista pelo retrovisor e pensando: acho que por baixo daquele macacão e no fundo daquela alma mora, sim, alguém bastante interessante. O velho e frequente espírito de porco tentando se vestir no fim do ano do mais puro espírito natalino. Na fila do supermercado, à espera do cataclismo. O fulano de trás, o do carrinho cheio de cheddar, dá um empurrãozinho, o da frente tenta puxar uma conversa mole. E o tempo passa ao som de jingle-bell. O coração pulando, a cabeça latejante: Simone, não; Simone, não. Na loja para comprar uma simples camisa, o cidadão bem-aventurado olhando você de cima a baixo: e aí, chefe, vamos trocar esse sapato? Você olha para os lados (uma confêrida rápida e desnecessária, já que é contigo

mesmo) e pensa em responder: vamos lá, colega, me volta quanto? Mas você olha seu sapato surrado, os cadarços se partindo e a boca, maldita, só tem tempo de murmurar: obrigado, amigo, esse aqui foi presente de mãe. E, você sabe, presente de mãe a gente não troca, não empresta, não dá e não vende. Basta só essa camisa mesmo (você faz questão de apontar com o único e fundamental objetivo de queimar etapas). Mas, chefe, não quer uma camisa com algum detalhe? Você respira fundo, o ar natalino entrando nariz adentro: não, meu amigo, basta ter botão. Camisa da moda agora é a que tem listras. Você pensa em Fause Haten, em Hercovitch, fecha os olhos rápido e vê o trenó de Papai Noel saltitando sobre as nuvens, puxado por renas ágeis e em cima dele o bom velhinho levando dentro de um saco o simpático vendedor para a Terra do Nunca. Você então pára no primeiro bar, bebe uma cerveja. Ela não desce nem redonda nem quadrada. Desce normal. Boa, gelada, até o cidadão do balcão interromper o gole: o amigo não quer um petisco? cuidado, o espírito está em toda parte. Só na espreita.

cmagno@diariodenatal.com.br

V . I . A . G . E . M

I . N . S . Ó . L . I . T . A

D'Luca



Bernadete Salustino

A espontaneidade é uma das principais características da empresária da moda Bernadete Salustino, ou melhor, Bebeta. Aos 50 anos ela afirma está vivendo a melhor fase de sua existência, "Estou vivendo meu melhor momento como mulher, mãe, amiga, companheira e profissional". Nascida em Recife, sob o signo de capricórnio, ela é mãe de Edgar Neto e Romina. O seu hobby é trabalhar com criatividade e viajar. O seu desejo é divulgar o artesanato produzido no Estado.

Qual sua palavra favorita?

Amor.

O que você nunca seria?

Protagonista de um amor sem final feliz.

Qual é a melhor mentira?

A mentira tem perna curta, como costumamos dizer. Ela é terrível. Sempre é desmascarada, mas muitas vezes faz parte do teatro da vida, entra em cena.

Conte um segredo de viajante.

Já fiz uma viagem insólita onde realizei sonhos, desejos, misturei prazer com emoção, aventura, amor e paixão, enfim um simples comemoração tornou-se meu segredo de viajante.

Qual o livro que você leu de um fôlego só e leria novamente?

Ninguém é de ninguém.

Que som você detesta?

Funk.

Quem mais o influenciou?

Meus pais que deixaram para mim uma herança de honestidade e formação.

Qual a melhor coisa do sexo?

Emoção e amor.

Pessoas arrogantes e prepotentes merecem o que?

Merecem que as pessoas nobres de espírito rezem sempre por elas.

Você gosta de ouvir pessoas que não sabem ouvir?

Essas pessoas são extremamente mal educadas e egoístas. Na vida tem que ter cumplicidade, é dando que se recebe.

De que você tem medo?

Da decepção, do disfarce da mentira quando achamos que estamos vivendo uma verdade.

O que lhe seduz no jogo da criação?

Forma, cor e harmonia.

O que existe de melhor no seu lado escuro?

Se não existisse a escuridão não existiria luz. Graças a Deus sou uma pessoa iluminada.

O imaginário lhe apavora?

Vivo a realidade do meu cotidiano, o

imaginário fica nos sonhos.

Como você convive com seus sonhos?

Tento realizar o melhor dos sonhos e excluir os pesadelos que são as decepções da vida.

Qual a pior verdade?

Aquela que esconde a pior mentira.

O que você acha do dinheiro?

Um mal necessário para a sobrevivência.

O que nunca deveria faltar?

A sinceridade em cada circunstância.

Quando você conta até dez?

Para aceitar uma nova conquista.

O que anda sobrando por aí?

Pessoas disfarçadas, fantasiadas o tempo todo em busca de um baile de máscara.

O que a boca diz quando a alma grita?

Deus.

Qual o mal deste início de século?

A ganância pelo poder esquecendo outros valores.

O que dói em Natal?

Uma sociedade vestida com o manto da hipocrisia e intolerância.

Em que situação você diz um palavrão?

Numa situação merecida.

Quem você mandaria para o céu?

Aqueles que fazem o bem sem olhar a quem, os que vivem numa comunidade onde os membros são nobres pessoas de grandeza espiritual, almas generosas que plantam o amor e discriminam o ódio.

E para o inferno?

Não tenho o dom de julgar, esse dom só Deus. O inferno não desejo para ninguém, vivemos nessa vida os melhores momentos que chamamos de céu e os piores momentos que chamamos de inferno.

Se chegasse ao céu, qual seria a sua primeira palavra?

Deus perdoai aqueles que fizeram o mal na terra.

E se chegasse ao inferno?

Julgaria meus erros e tentaria sair de lá o mais rápido em busca do paraíso.